

### 3.1

#### O pensamento de Deus nas Odes

A poesia que quiser corresponder ao sentir mais fundo do seu tempo, hoje, tem forçosamente de ser uma poesia revolucionária. Que importa que a palavra não pareça poética às vestais literárias do culto da *arte pela arte*? No ruído espantoso do desabar dos Impérios e das Religiões há ainda uma harmonia grave e profunda para quem a escutar com a alma penetrada do terror santo deste mistério que é o destino das Sociedades!

ANTERO DE QUENTAL

Embora, como foi dito anteriormente, o objeto principal desta pesquisa sejam os sonetos, torna-se inviável uma proposta de trabalho que exclua três *odes* de Antero que, coerentes com a proposta apresentada, melhor se prestam a uma análise desse assunto: “Sombra”, “Pater” e “No Templo”.

Levando-se em conta a temática central por nós demarcada, isto é, a presença contínua de Deus na obra anterior, faz-se necessário mencioná-la também nas *odes*, já que as mesmas apresentam, em alguns casos, esse novo “Deus desconhecido”, tão freqüente nos poemas dessa época.

O estudo da *ode* “Sombra” nos traz à tona a designação de *luminosas* ou *noturnas* aplicada por Antônio Sérgio às duas grandes tendências de sentidos opostos que encontra na obra de Antero de Quental:

Tem como timbre a primeira delas a aspiração racionalista do pensador, ao passo que a segunda é como o fruto tóxico do temperamento mórbido do homem. Se for para a luminosa que nos voltarmos, veremos alguém que se concentra e libra na embriaguez de alvorada do entendimento claro, no tônico atrativo do resplendor do Sol, no autodomínio, na consciência plena; alguém que se eleva e que se guia sempre pelo anseio viril de estruturação interna, de rigor diáfano do pensamento, de arquitetura sólida do caráter. É um vôo másculo, é um hino à luz; é o Antero filósofo e reformador social; é o Antero apóstolo e anunciador do futuro, o servidor da Justiça, o batalhador pelo Bem. Mas se dermos ouvidos à inspiração noturna, - ouviremos a elegia das tristezas fúnebres: a do sonho, da noite, da subversão, da morte, do lento suicídio do ser mental, da dissolução e perda da atividade do espírito nos subterrâneos lúgubres do inconsciente.

(SÉRGIO, 1956, pp.7/8)

Admite ainda António Sérgio que essas duas facetas se encontram, com menor ou maior realce, em todos os homens, apresentando variedades: “É questão de fase; é questão de tempo; é questão de grau.”( SÉRGIO, 1956, pp. 8/9)

O que torna essas características marcas indeléveis da personalidade de Antero “é que ele nos apresenta na sua obra inteira – defrontando-se aí como de barra a barra – essas duas facetas sentimentais opostas, e levadas ambas ao seu máximo grau”.(Ibidem, p.9).

Se nos *Sonetos* nos deparamos com um exacerbado noturnismo, nas *Odes Modernas* o que se apresenta é o máximo de luminosidade, de busca da luz.

A ode “Sombra” sintetiza essas duas correntes, usando de modo perfeito a figura de Deus e a da Igreja para demonstrar a divisão acima referida:

[...]

Quando,  
 Porém, sobre o mais alto desse monte  
 Foram enfim chegados, de repente  
 Viu-se uma das faces alumiar-se  
 De uma luz doce e branda, mas imensa!  
 E quanta terra, desde o monte ao oceano,  
 Lhe ficava do lado aonde virada  
 Lhe estava aquela face, refletindo-a,  
 Tudo se esclarecia – vale e serra  
 E a metade do céu – aparecendo  
 Como um puro luar, ou qual se fosse  
 Vir nascendo uma aurora desse lado.  
 E essa face radiante era a que Judas  
 Não chegara a tocar.

Porém a outra,  
 Que ele beijara, conservou-se escura  
 Como se o crime dele ali guardasse...  
 Nem dava luz; e o espaço, dessa banda  
 Onde a virava, era uma noite imensa,  
 Coberto o horizonte de nevoeiro...  
 Partido o mundo em dous, essa metade  
 Era a que se ficara envolta em sombras.  
 .....  
 .....  
 Foi dessas sombras que se fez a Igreja!  
 (QUENTAL, 1943, pp.167/168/169)

Nota-se na face iluminada a ausência da traição, que lhe confere, desse modo, uma aura de pureza, numa dedicação a valores mais elevados, pertinentes à sua postura de busca dos mais perfeitos ideais.

A face sombria, ao contrário, “[...]conservou-se escura / Como se o crime [de Judas] ali guardasse”; nela há apenas sombra e nevoeiro: metáforas da Igreja Católica.

Influenciado pelas lições apreendidas de Hegel, Antero destaca a diferença existente entre a Igreja Católica castradora e autoritária, e a Igreja Protestante, herdeira das idéias disseminadas pela Reforma.

Segundo Antero e baseado num processo histórico, a Igreja Católica original vivia apenas do sentimento e da fé cristã, sem preocupações dogmáticas ou disciplinares. Nesse primeiro momento “[...] a igreja está aí aonde alguns homens simples se juntam no amor e na fé em Jesus Cristo” (SÉRGIO, 1943, p.170). Num segundo momento, “o dogma define-se, complica-se a hierarquia, fixa-se a disciplina, e Roma, apoiada nas ordens monásticas, aparece com as suas pretensões e o seu espírito político e dominador”.(Ibidem, p.170). A partir daí, “[o] cristianismo é já católico, mas ainda não é romano. Esta última transformação foi o trabalho que coube ao Concílio de Trento. [...] É o período do absolutismo religioso.” (Ibidem, p.170)

Enquanto na península essa mudança foi funesta, lá fora, no resto da Europa, crescia o movimento que, segundo Antero, apresentava uma oposição ao despotismo religioso romano – a Reforma:

Quem pode hoje negar que é em grande parte à Reforma que os povos *reformados* devem os progressos morais que os colocaram naturalmente à frente da Civilização? Contraste significativo que nos apresenta hoje o mundo! As nações mais inteligentes, mais moralizadas, mais pacíficas e mais industriosas são exatamente aquelas que seguiram a revolução religiosa do século 16: Alemanha, Holanda, Inglaterra, Estados Unidos, Suíça. As mais decadentes são exatamente as mais católicas! Com a Reforma estaríamos hoje talvez à altura d’essas nações: estaríamos livres, prósperos, inteligentes, morais... mas Roma teria caído!

(QUENTAL, 1942, p.116)

Mas, em relação à Reforma que agitava o mundo, como reagiu Roma? “O ódio e a cólera dominavam os corações dos sucessores dos apóstolos” (Ibidem, p.114) e Roma reage com uma série de regulamentos, objetivando “fortificar a ortodoxia, concentrando todas as forças, disciplinando e centralizando: empedernir a Igreja, para a tornar inabalável. Era a opinião *absolutista*, representante do Papado.”(Ibidem, p.115)

Ratificaram-se, desse modo, os erros que, através dos séculos, ajudaram a construir um império religioso que, de sua sede em Roma, transformaram a primitiva Igreja Católica

num monumento à corrupção e à impunidade onde, em detrimento dos valores morais, os bens materiais falavam mais alto.

Para domínio total das mentes católicas, vários recursos são usados: institui-se o pecado original, “a condenação hereditária da humanidade” (Ibidem, p.117); confirmou-se o dogma da Eucaristia, tornando-se execrável quem não passasse a crer na presença real de Cristo no pão e no vinho: surge a confissão com nova característica: já não é facultativa; aparece a figura do “diretor espiritual”, “invisível, mas sempre presente” a ditar os rumos da família; as Ordens regulares tornam-se totalmente dependentes de Roma - os bispos vêem-se destituídos de sua força; o Papa, e só ele, pode julgar bispos e padres: “é a impunidade para o clero” (Ibidem, p.119); fica proibida a leitura da Bíblia pelos seculares; ficam os católicos condenados a pensar pela razão alheia; a polícia romana pode sujeitar governos e se impor aos povos e, finalmente, fica decidida a superioridade do Papa sobre os Concílios. Para as gerações futuras, para que a liberdade morresse no seu germen, criou-se o Catecismo, conjunto de regras destinadas a matá-la no seu nascedouro. Essa era, portanto, a fortificada e ortodoxa Igreja Católica Apostólica Romana a quem os povos que aderiram à Reforma resolveram não mais seguir, criando novas igrejas, onde sobressaía a liberdade de pensamento e a razão era o método usado para uma (re)ligação com Deus:

(...) a função central do protestantismo consiste na “formação geral do espírito”, numa visão bem singular das escolas e universidades como institutos “religiosos” do saber. As “igrejas” protestantes seriam as escolas e as universidades, e não a “Igreja” no sentido propriamente católico do termo. Privilegia-se, assim, a atividade racional e não os atos de fé, de submissão a determinados dogmas. A razão é elevada à posição de árbitro supremo de todas as questões, inclusive as religiosas, contando, para isso, com o apoio de uma religião determinada. Ou seja, a função de ligar as pessoas entre si por um credo determinado, função eminentemente religiosa, é também atribuída ao trabalho da razão, à atividade propriamente filosófica. (ROSENFELD, 2002, p.20)

Em “*Pater*” (1864), deparamo-nos com a semente do que seria um dos temas da conferência pronunciada em 1871, sobre as *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*. Entre essas causas destacava-se a moral proposta pelo Concílio de Trento, que transformara o Catolicismo e os católicos em inquisidores, buscando os que não comungavam das mesmas idéias, em busca do livre pensamento, isto é, qualquer coisa que

fosse pensada fora dos ditames da Santa Madre Igreja seria considerada injúria grave e, portanto, punida:

Da decadência moral é esta a causa fulminante! O Catolicismo do Concílio de Trento não inaugurou certamente no mundo o despotismo religioso, mas organizou-o duma maneira completa, poderosa, formidável e até então desconhecida. [...] nem a Reforma significa outra coisa senão o protesto do sentimento cristão, livre e independente, contra essas tendências autoritárias e formalísticas. (QUENTAL, 1942, p.112)

Em “*Pater*”, encontramos claramente a crítica a um clero presunçoso e consciente de seu poder:

Já que os vejo passar assim altivos  
E cheios de vanglória, como quem  
Ao peito humano deu a luz que tem,  
E a nossos corações os lumes vivos;  
[...]  
Já que os vejo, co’ a mão que ata e desata  
Entre os homens partir o mundo todo  
E todo o céu – e dar a este o lodo,  
E àquele o reino de safira e prata;  
[...]  
Dispor do céu como de casa sua,  
A que pusessem Deus como porteiro;  
E receber com rosto prazenteiro  
Este – e àquele deixá-lo aí na rua:  
[...]  
Se há quem tenha na terra monopólio  
Do câmbio-livre, que se chama Idéia?  
Se a Verdade não vale um grão de areia  
Sem que, antes, a batize o santo-óleo?  
[...]  
Sim! Que a final se saiba tudo isto,  
E se veja o caminho aonde vamos.  
Ver e saber – para que em fim possamos  
Escolher entre o Padre e entre o Cristo.

Para Antero, os verdadeiros padres vivem na natureza, que nos é apresentada de forma romântica: anímica e idealizada:

Padre?! Padre...é o Pai – só – que nos cobre,  
E a todos com a mão afaga e amima,

E em meio do caminho nos anima,  
E vai conosco – o que está sob e sobre.

[...]

O que veste a estola do infinito  
Para deitar a grande bênção – Vida –  
E reza, lendo em página fulgida,  
O que em letra de estrelas anda escrito.

[...]

O cedro na montanha apostoliza;  
O vento prega às livres solidões!  
As estrelas do céu são orações,  
E o amor, no coração, evangeliza!

O Amor! O evangelista soberano!  
Para quem não há tarde nem aurora!  
O que sobe a pregar, a toda a hora,  
Ao púlpito-da-fé ... o peito humano!

Amor, retomado *lato sensu*, - de amante, de mãe - , cuja voz é “a voz do inverno e a voz da primavera...”, que se ouve ao longe.

E aponta António Sérgio: “os verdadeiros ‘padres’ são os poetas e os sábios; são os inventores, os proscritos, os filósofos, os artistas, os apóstolos e os profetas que nos pregam a liberdade”.(SÉRGIO, 1943. p.80):

Vós, Poetas, vós sois também sibilas,  
Que adivinhais e andais com voz fremente  
Sempre a gritar – avante! avante! à gente,  
Por cidades, por montes e por vilas.

[...]

Sim, Padre! O poeta crente, que alevanta,  
Como hóstias, as almas para os céus!  
O pregador, que fala, enquanto Deus  
Lhe arma de corações tribuna santa.

[...]

A coorte dos pálidos proscritos,  
Que tem nos rostos estampada a fome;  
Que, enquanto o frio os rói e os consome,  
Trazem no coração deuses escritos.

Os heróis que, com pulsos algemados,  
Vão ao mundo pregando a liberdade –  
Astros, a quem se nega a claridade...  
Nas trevas dos ergástulos cerrados.

[...]

Os inventores, que, soltando ais,  
Deixam das mãos cair obras gigantes;  
E riscam templos sobre os céus distantes...

Assentados à porta de hospitais!  
 [...]
   
São os grandes profetas da consciência;
   
Bíblis que o povo com a mão folheia;
   
Reveladores santos da Idéia,
   
Que, em cada hora, vão furtando à Essência:

São milícia sagrada – são coortes
   
Do céu, passando aqui – são missionários
   
Amostrando Jesus aos homens vários...
   
Ajudam pois a Deus! São sacerdotes!
   
(QUENTAL, 1943, p.65)

Embora as manifestações primitivas da Religião e da Igreja sejam neste poema substancialmente substituídas pela causa social, cumpre notar que há, em Antero, uma “unidade espiritual”, responsável por não se ter perdido o elo misterioso e impossível de ser quebrado, de sua eterna ligação com Deus: apenas o Catolicismo fora alijado; o Cristianismo, como um ser tentacular, firmava-se cada vez mais, fazendo com que crescesse nele a angústia tão característica desse momento.

As marcas da transformação social a que Antero se propunha, com as idéias que tinha de Justiça, se evidenciarão pelos temas tratados, enquanto que, pelo vocabulário por ele usado, se tornará patente a preservação de uma crença que, arraigada, permanecerá.

Essa temática vai se destacar nas *odes*, tornando evidente a ligação entre o humano e o divino, evidenciando o conflito pessoal de nosso autor:

O Povo há de inda um dia entrar dentro do Templo,  
 E há de essa rude mão erguer-se sobre o altar;  
 E há de dar de piedade um grande e novo exemplo,  
 E, ao púlpito subindo, o mundo missionar. (Ibidem, p.145)

Ao lado de um vocabulário específico – nave, altar, canto, hino, bispo, missa, sermão, abóbada, órgão, cruz, esplendor, missal – parece-nos haver uma variação do apostolado que, de religioso, passa a social. A liturgia é a mesma: a expressão verbal no-lo atesta, mas *tudo é outro*.

O Antero de “espírito naturalmente religioso” permanece, tendo, apenas, sofrido uma metamorfose na maneira de ver o mundo:

Ninguém o dia sabe ao certo: entanto, vemos  
 Pelos sinais do céu que a aurora perto está...  
 Pelas constelações é que esse espaço lemos...  
 A estrela do pastor desmaia...Ei-lo vem já!

Essa estrofe, de conotação política, anuncia-nos o dia, bem próximo, em que o povo invadirá o templo para dizer a “missa nova”, cujos temas serão a Igualdade, a Justiça, a Liberdade, cantados pela voz revolucionária das ruas:

Sabeis que missa nova essa é que diz o Povo?  
 E o órgão colossal que, em breve, vai soar?  
 Qual é o novo altar e o Evangelho novo?  
 E o tema do sermão que às gentes vai pregar?

O Evangelho novo é a bíblia da Igualdade:  
 Justiça, é esse o tema imenso do sermão:  
 A missa nova, essa é missa de Liberdade  
 E órgão a acompanhar...a voz da Revolução! (Ibidem, p.147)

Sua chegada a Coimbra e o encontro com as novas filosofias provocaram nele, sem dúvida, uma mudança que trouxe como consequência uma postura diversa diante do mundo: daí em diante surge uma desordem consciente que tentará romper a relação com o estágio inicial da fé indubitável.

À centralização dada à figura de Deus no período anterior, sucede-se uma descentralização, provocando uma divergência interna, o que acarretará a redução da crença anterior e nunca sua eliminação total. O que se acentua, nesse momento, é uma transposição do núcleo original para uma área social que, passando a ser vista com a mesma Verdade de todas as suas crenças, vai fazer, mais uma vez, brilhar a voz do poeta Antero de Quental.